

## FORMAS DE MADEIRA PARA FAZER PÃES DE SAL

Por  
MARGARIDA RIBEIRO

Existem no Museu Nacional de Arqueologia e Etonologia seis exemplares de formas ornamentadas, de madeira, que serviram para se obterem «pães de sal», conforme consta do competente registo.

São constituídas por quatro faces distintas e por uma base independente.

As dimensões vão expressas em milímetros e podem apreciar-se no seguinte quadro :

N.º de Inv.	Comp.	Larg.	Alt.	Data
790	173	67	69	
785	172	65	70	1904
779	175	65	74	
778	170	65	80	
777	180	66	85	1905
776	170	69	85	

A proveniência destas formas não consta do inventário.

Do exame das medidas concluímos que existe uma diferença pouco sensível entre os vários exemplares e que todas as formas obedecem à mesma concepção arquitectónica e tipologia geométrica.

Dos seis exemplares referidos destacámos a forma que possui o número 777, datada de 1905.

Consta de cinco partes ornamentadas de incisões artísticas, como se lê no inventário.

Os desenhos que reproduzem as faces e as cavilhas da peça <sup>(1)</sup> deixam perceptível o sistema de fecho e abertura, depois da solidificação do sal.

As faces maiores têm a forma de trapézio isósceles e as menores são rectangulares. O «pão de sal», depois de solidificado, teria a aparência de um tronco de pirâmide de base rectangular.

A ornamentação é interior, como aliás se deduz, a fim de moldar o sal.

Em virtude de se encontrar separada da base e no mesmo armário do 2.º pavimento do Museu se encontrarem outras formas idênticas, omitimos o desenho da base, pois desconhecemos qual é a base que, efectivamente, pertence à forma estudada.

Só um exame do conjunto, demorado e minucioso, poderia acautelar-nos do erro em que não pretendemos incorrer.

Um futuro estudo virá, contudo, preencher esta lacuna.

A base deste tipo de formas tem a configuração aproximada dos antigos assentadores de navalha de barba. São também insculturadas.

Os elementos ornamentais não oferecem grande interesse. Trata-se de um tipo de decoração sem quaisquer implicações de ordem subjectiva ou tradicional. É, por consequência, uma decoração pobre e fria. Falta-lhe o simbolismo e a riqueza de labor que observamos na arte pastoril alentejana.

A observação à lupa revelou que se trata de obra de carpinteiro ou de marceneiro rural. As incisões foram obtidas com auxílio de goivas.

É provável que o conjunto tenha a mesma proveniência.

De 1937 a 1939, observámos nas Marinhas de Rio Maior a pureza e a finura do sal que ainda ali se extrai.

Nos dias de temperatura cálida e brisa suave, o sal «coalhava», finíssimo e muito branco, à superfície dos tanques. Ainda húmido, era retirado e metido em formas de madeira para fazer «queijos». As caixas, porém, eram desprovidas de ornamentos e tinham diversidade de tamanhos.

---

(1) Os desenhos são da autoria do Sr. Dario de Sousa, funcionário do Museu.

O sal, cuja primeira e mais antiga referência se contém nos anais do Imperador da China, Yü (2205 - 2197 a.C.), teve, na antiguidade, uma significação mágica e religiosa.

Além dos fins industriais documentados pelo *salsamentum*, os Romanos ofereciam sal aos *Lares*, quer num ritual privado, quer na participação de um sacrifício público e sangrento.

O *mola salsa* constituiu para os Romanos e povos romanizados uma oferenda daquilo que habitualmente se consumia à mesa.

Os Aztecas pré-colombianos empregaram o sal nos seus rituais de purificação.

A Bíblia contém numerosas referências ao sal. Na liturgia do Baptismo e do Crisma, o sal é a espécie que preserva da corrupção.

Empregado como primeiro elemento na indústria da soda, do cloro, do ácido clorídrico e do sulfato de soda, convertido em matéria de intenso comércio e larga exportação, o sal não se dissociou, em Portugal, através dos tempos históricos, do poder mágico que a antiguidade lhe conferiu.

As práticas mágicas e as praxes sacro-profanas da excomunhão e do chão salgado dos lugares onde se executaram crimes, profanações e suplícios preservaram na tradição um implexo de motivações que o povo exteriorizou, e exterioriza, de acordo com a sua mentalidade e o tipo de comunidade a que pertence.

À semelhança dos utensílios decorados para fins meramente práticos, também o sal foi objecto da atenção do nosso artista popular. As formas destinadas aos «pães de sal», de que damos um exemplo, documentam a afirmação.

Vários autores portugueses dedicaram longas e eruditas páginas ao estudo dos elementos decorativos dos utensílios e objectos, estabelecendo a correlação cultural e histórica de tais elementos.

Não vamos repetir o tema. Limitamo-nos a assinalar que as formas a que nos referimos, dada a natureza dos elementos empregados na decoração, não se situam na mesma constante tradicional. Não estão associadas, por consequência, ao pão marcado, nem a sua origem é paralela aos *ludi publici*.

O valor estético aumenta sempre que um complexo mágico-reli-

gioso enriquece esse dualismo. O artífice foi pouco sensível a esses princípios e a qualidade da obra ou expressão concreta aparece-nos fria e pobre.

Estamos em presença, segundo cremos, de peças unicamente devidas à curiosidade e ao comércio local, de precária expansão regional.

#### BIBLIOGRAFIA

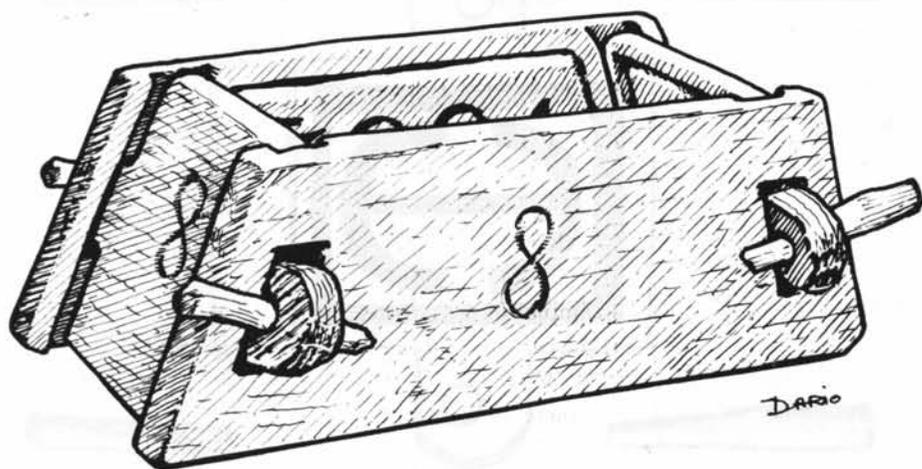
- GALHANO, Fernando — *Objectos e alfaia decoradas do Museu de Etnologia do Ultramar, I — Portugal Metropolitano*, Lisboa, 1968.
- MACEDO, Borges de — *Problemas de história da indústria portuguesa no século XVIII*, Lisboa (Associação Industrial Portuguesa), 1963.
- MARQUES, A. H. de Oliveira — *A Sociedade Medieval Portuguesa. Aspectos da vida quotidiana*, 2.<sup>a</sup> ed., Lisboa, 1971; *História de Portugal*, Edições «Agora», Lisboa, 1972.
- RAU, Virginia — *O comércio do sal de Setúbal no século XVIII*. In «Revista da Faculdade de Letras», Lisboa, 1963.
- Chambers's Encyclopaedia*, New Revised Edition, London, 1970.

#### RÉSUMÉ

L'A. fait connaître un exemplaire des petites boîtes ou moules en bois sculpté, qui sont propriété du Musée National d'Archéologie et Ethnologie.

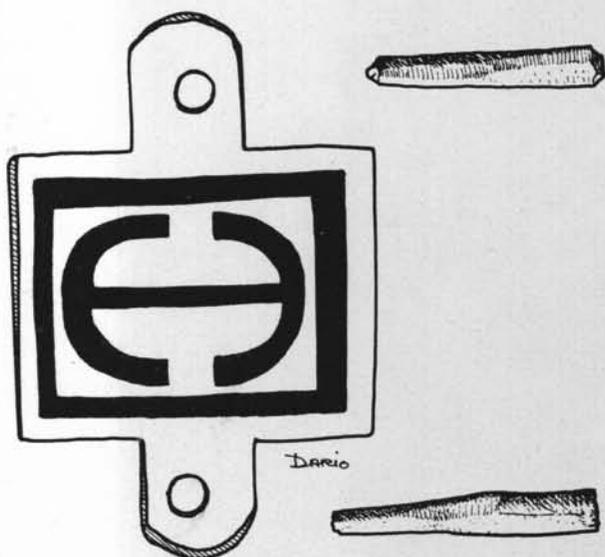
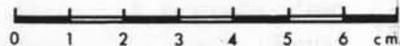
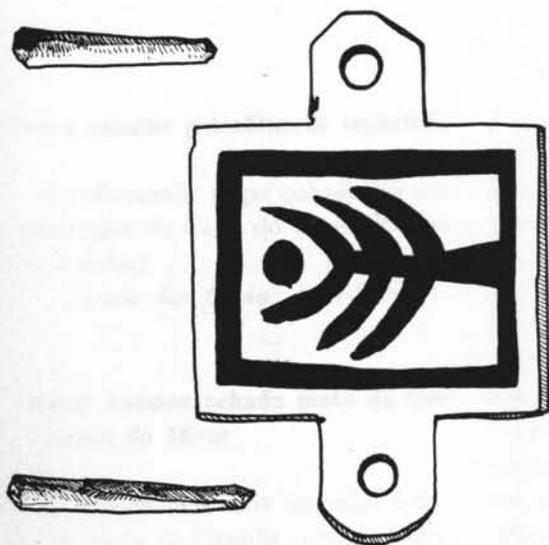
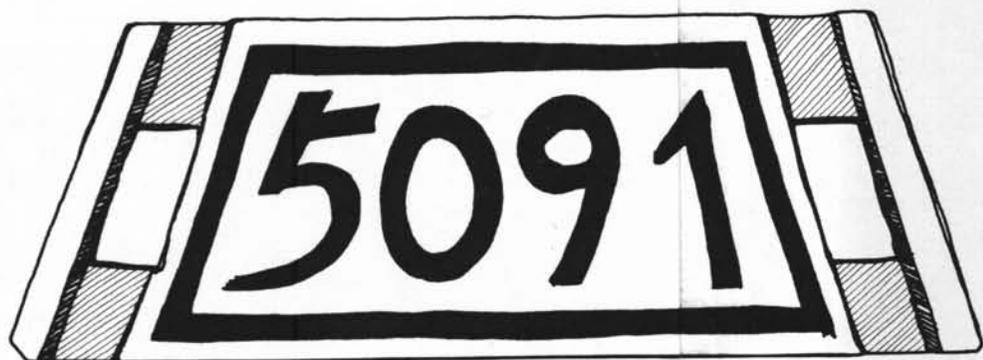
Ces moules démontables ont été utilisés à faire des jolis lingots de sel, chez les saliniers portugais, dont l'exacte provenance s'ignore.

M. R.



Forma de madeira para moldar sal. Peça do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia (N.º 777 do Inv.).





Peças constituintes da forma de moldar sal (N.º 777 do Inv.).